

ATA

N.º 04/2019

**SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPOSENDE**

**Realizada em
25 de abril de 2019**

ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPOSENDE, REALIZADA EM 25 DE ABRIL DE 2019:

---Aos **vinte e cinco** dias do mês de **abril** do ano **dois mil e dezanove**, nesta cidade de Esposende e no Fórum Municipal Rodrigues Sampaio, reuniu em sessão extraordinária a Assembleia Municipal de Esposende, expressamente convocada para o efeito, sob a presidência de José Agostinho Veloso da Silva, na qualidade de Presidente da Assembleia Municipal. -----

---A reunião da presente sessão foi secretariada pelos Primeiro e Segundo Secretários da Mesa, respetivamente, António José Pereira Morgado e Jaqueline Casado Afonso Areias. -----

---Para além dos membros da Mesa, encontravam-se presentes os seguintes membros: -----

Manuel Albino Penteado Neiva,
Sandra Nair Teixeira de Sá Bernardino,
Tito Alfredo Evangelista e Sá,
Luciana Brochado Azevedo,
Maria Alexandra Campos Esteves Faria de Vilar,
Manuel Miranda Losa,
Fernando Manuel da Silva Carvalho,
Anabela Solinho Martins,
Maria Goreti Cardoso Lima,
Carlos Jorge Vicente Capitão,
Manuel Fernando Morgado Carvoeiro, em substituição de Manuel José Cepa Pires Carneiro,
Baltasar Almeida Costa,
José Manuel Cruz Silva,
Elisabete Ferreira Martins Santos,
Tânia Sofia Lima Mota,
Carla Alexandra Sá Pereira Morais Miquelino,
Manuel António Lima Torres Ribeiro,
Eduardo Oliveira Maia,
Mário Pires de Boaventura,
Luís António Sequeira Peixoto,
Aurélio Mariz Neiva,
Carlos Veiga Escrivães e
Mário Ferreira Fernandes.

---Sendo 10 horas e 40 minutos, verificando-se a existência de “quórum” para o funcionamento da Assembleia, pelo Presidente da Mesa foi declarada aberta a sessão, encontrando-se presente o Presidente da Câmara Municipal, António Benjamim da Costa Pereira, em representação desta, bem como dos Vereadores:

Alexandra Suzana Abreu de Faria Carvalho Roeger,
António Sérgio Moreira Mano,
Rui Manuel Martins Pereira, em substituição de Fernando João Couto e Cepa,
Maria Angélica Barros Tomé da Cruz, e

António Manuel da Cruz Azevedo Abreu.-----

Verificando-se a ausência dos Deputados Municipais Manuel Fernando Lima de Meira Torres, José Maria Losa Esteves, Manuel José Sampaio Viana, Manuel Eiras Martins de Abreu e do Vereador Mário Rui Pereira Ferreira Neiva Losa.-----

01 - PERÍODO DA ORDEM DO DIA: _____

01.01 – ABERTURA DA SESSÃO EVOCATIVA DOS 45 ANOS DO 25 DE ABRIL: _____

Usou da palavra o senhor Presidente da Assembleia Municipal, cumprimentando os presentes e declarando aberta a sessão extraordinária evocativa dos 45 anos do 25 de abril e deixando um agradecimento muito especial pela organização das comemorações dos 45 anos do 25 de abril, organizado em conjunto pela Câmara Municipal, deixando um agradecimento muito especial ao departamento da educação, à senhora vereadora da educação e ao senhor Presidente da Câmara e um agradecimento especial também à Comissão Permanente da Assembleia Municipal, por terem preparado esta iniciativa e colaborado na elaboração do programa.

Deixou ainda um agradecimento muito especial à escola de Mar e aos jovens, grandes atores, aos seus encenadores, aos seus professores, por esta brilhante peça que nos fez reviver uns mais longínquos, outros menos, os tempos do 25 de abril, um obrigado muito especial.

Mais acrescentou não ser normal que nas sessões se batam palmas, mas pediu a todos uma grande salva de palmas para estes jovens atores.

01.02 - INTERVENÇÕES POLÍTICAS: GRUPOS POLÍTICOS COM REPRESENTAÇÃO MUNICIPAL; PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL; PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE. _____

O Senhor Presidente da Assembleia Municipal deu a palavra ao representante do Grupo Político do PPD-PSD, o Senhor Deputado Municipal Penteado Neiva, tendo referido:

“Bem, depois de ouvir estes nossos meninos, de ouvir ontem o excelente coro, podemos dizer que de facto o espírito do 25 de abril continua bem presente.

Ex.mo Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Esposende

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara Municipal de Esposende

Senhoras e Senhores Vereadores

Senhoras e Senhores Deputados Municipal

Ex.mos Convidados

Minhas Senhoras, Meus Senhores

Comunicação Social

Depois de ouvir os meninos de Mar a dar a sua interpretação do 25 de Abril e de ontem ouvir cantar Abril pela voz dos Pequenos Cantores de Esposende, resta-me dizer que, de facto, o espírito de Abril continua bem presente.

Minhas Senhoras,
Meus Senhores

Como confessava ontem um amigo, falando sobre a revolução dos cravos, “nunca estivemos tão perto e tão longe do 25 de Abril de 1974”. Nesse importante dia caía a ideologia fascista e proliferaram as ideologias que prometiam, a todos, um Portugal novo, um Portugal melhor. Hoje comemoramos os 45 anos dessa revolução e, sem peias, diremos que muita da alma do 25 de Abril se perdeu arrastada por políticas erráticas e sobretudo experimentalistas. Perdeu força e ânimo devido a puros jogos de ilusão. Dizia-me esse amigo que os partidos perderam a ideologia que lhes dava sentido e hoje não passam de meros grupos de interesses e na hora de votar, o problema é saber em quem acreditar.

Minhas Senhoras
Meus Senhores

Sempre se fizeram discursos apologeticos para comemorar as revoluções; na Implantação da República em 1910, rememorando as virtudes do regime; na Revolução Nacional com grandes festas e discursos para assinalar a mudança necessária, com frases como “a revolução mantém nos nossos dias toda a vitalidade que impulsionou os revoltosos para a rebelião contra a desordem e a decadência a que estava votada a vida nacional”; na Revolução de Abril cujos discursos mais ou menos inflamados, se evocam as virtudes da mudança democrática.

Comparando discursos, em todas as ocasiões se fala em nome do Povo e para o Povo. Não queremos, de forma alguma, comparar os momentos, pois são completamente diferentes, tão-somente constatar que a história se reescreve usando, tantas vezes, estes textos laudatórios, de grande cunho político, e esquecendo, muitas vezes o que esteve por detrás das revoltas, muito menos a reflexão sobre as mudanças operadas e o que de diferente trouxeram para a grei.

Sempre se fala de política, das mudanças de regime, das conquistas, dos três D – Descolonizar, Democratizar e Desenvolver, factores decisivos para cumprir Abril. Raramente se aborda a questão histórica e se narram factos que aconteceram antes e na altura dessa revolução. É bom que nos lembremos que não houve, propriamente, uma revolução política/ideológica mas sim militar. Depois, como seria óbvio, as forças políticas entram em acção e vão delinear os seus programas de intervenção.

Já por várias vezes referi que tive o privilégio de ouvir, na primeira pessoa, alguns dos protagonistas desta revolução – ouvi histórias narradas por Adelino Matos Coelho e por Salgueiro Maia, tão mal tratado nos últimos dias por quem deveria conter-se em vez de ufanar-se como o herói, o homem a quem os portugueses tudo devem.

Numa revolução há sempre antecedentes que merecem ou devem merecer destaque e, nesta altura recorde, também, o primeiro sinal revolucionário que se deu a 16 de Março de 1974 e que veio a ser fundamental para o eclodir da Revolução dos Cravos.

Escolhi este episódio porque dele pouco ou nada se tem falado e quando se fala contam-se muitas inverdades.

Sempre bem disposto, como é seu timbre, o Major-General Adelino Matos Coelho conta que a revolta de 16 de Março de 1974 – conhecida pela Revolta das Caldas – na qual foi protagonista, tem sido constantemente esquecida, quiçá silenciada, mas, nas suas palavras

“não deve continuar, para que não se corra o risco de que mentiras muitas vezes repetidas se transformem em verdades que conduzam à percepção errada dos acontecimentos”. Para isso recorda-nos a reunião do Movimento dos Capitães em Óbidos em 1 de Dezembro de 1973, a de 5 de Março de 1974, em Cascais, e as duas reuniões em Lisboa e Santarém, em 13 de Março e faz alusão a dois panfletos que são distribuídos em alguns quartéis um com o título de “Dos Espúrios aos Puros” e outro chamado “Estagnação ou Progresso”, ambos relacionados com o Decreto-Lei n.º 353 de 1973, que tinha a ver com a passagem dos Oficiais do Quadro Especial aos quadros permanentes, matéria que dividiu os militares e que provocou uma onda de protestos e conspirações atingindo o seu auge numa reunião, na Caparica, em 1 de Janeiro de 1974, onde um grupo de oficiais milicianos “iniciaram a recolha de assinaturas num documento de apelo ao general Spínola a fim de interceder junto do Governo da Nação a favor de uma solução justa para o grande problema na escala de antiguidades”. Diziam mais que se comprometiam e solidarizavam-se “com qualquer posição que (o general) pudesse vir a tomar com vista a debelar a injustiça e a elevar o prestígio das Forças Armadas”. Foram recolhidas mais de 100 assinaturas. A casta militar estava, de facto, dividida. Em 5 de Março, em Cascais, há uma aproximação entre as duas comissões e chegam à conclusão, e pela primeira vez se fala nisso, da necessidade e objectivo nacional de mudar o regime.

Como seria de esperar as forças policiais entram em acção e na tarde do dia 9, são transferidos das suas unidades, para evitar mais conspirações, uma série de oficiais com destaque para o Capitão Vasco Lourenço que acaba por ser detido. No dia 12, correm as notícias de que iriam ser demitidos os Generais Spínola e Costa Gomes e logo surgem as declarações de que “se acontecesse alguma acção do Governo nas pessoas dos generais, estariam solidários com eles e poderia ser desencadeada alguma acção”. No dia seguinte fazem-se reuniões entre alguns militares, e aqui refiro o Tenente Rocha Neves, onde se distribuíram Planos de Operações “de um golpe militar previsto para 14” que foi, entretanto anulado. Ficou no entanto a ideia de que deveria sair uma unidade militar sobre Lisboa – mesmo que fosse um pelotão – significando isso que, de facto “alguém pretendia avançar, mesmo sem grande planeamento”. Com certeza essa marcha iria evitar uma cerimónia, que ficou conhecida pela “Brigada do Reumático” que visava a demissão dos generais Spínola e Costa Gomes.

Matos Coelho por volta da meia-noite do dia 15 de Março recebe uma mensagem para se apresentar no quartel das Caldas dizendo, simplesmente, “é esta noite”. Já no quartel é transmitida a missão de “avançar com uma companhia, para Lisboa, e ocupar o aeroporto” o que vai acontecer pelas 4h da manhã, saindo uma coluna com cerca de 200 militares.

Tudo parecia estranho até que, pelas 7:15h esta coluna é interceptada e avisada de que tinha de regressar ao seu quartel “pois era a única que tinha saído, estando um dispositivo militar preparado para a defrontar, à entrada de Lisboa”. Rapidamente inverteram a marcha usando um separador na autoestrada. Matos Coelho afirma que daí até à proximidade das Caldas foram sempre seguidos, mesmo por meios aéreos. Foram interpelados por uma força da GNR. Ainda ponderaram desviar a rota e não se dirigirem ao quartel. Assim não aconteceu e aí chegaram, e ao fim de três horas, deu-se a rendição desta coluna operacional e voz de prisão para os oficiais intervenientes que seguiram, pelas 23 horas, para Lisboa.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Apesar do insucesso do 16 de Março, não temos a mínima dúvida em concordar com Matos

Coelho quando diz que este evento “acabou por ser decisivo nos desígnios do Movimento dos Capitães, posteriormente, assumidos pelo Movimento das Forças Armadas, que contribuíram para a conquista da democracia e para a recuperação do prestígio do País e das Forças Armadas”.

Continuamos a acreditar nos ideais de Abril mas olhando para tudo o que se passa à nossa volta – no nosso país, na Europa e no mundo, à proliferação de ideais erráticos e demasiado populistas, termino com mais uma citação do meu amigo – Não sei se ainda podemos dizer, categoricamente, “25 de Abril Sempre” ou mesmo acreditar que “Fascismo nunca mais”. ”----

De seguida interveio a representante do Grupo Político do JPNT, a Senhora Deputada Municipal Sandra Bernardino, tendo referido:

“Muito bom dia,

Quero antes de mais felicitar os alunos do 4º ano da escola de Mar pelo magnífico teatro e eu penso que deve ser assim que deve ser celebrado abril, ensinando as crianças aquilo que aconteceu e eu estou certa que desta forma elas jamais se esquecerão daquilo que foi o 25 de abril.

Quero também agradecer a magnífica lição do dr. Neiva, uma lição histórica, muito obrigada.

Quero cumprimentar todos os presentes,

O senhor Presidente da Assembleia Municipal,

As senhoras Deputadas e Deputados Municipais,

O senhor Presidente da Câmara,

As senhoras Vereadoras e os senhores Vereadores, e

Os demais presentes,

Falar em 25 de abril é necessariamente falar em liberdade, a liberdade que, não obstante terem passado 45 anos desde a revolução, ainda não é compreendida na sua plenitude. Muito já se disse e escreveu acerca da Liberdade, um dos conceitos sobre o qual cada um de nós já se questionou e que, certamente não obteve a resposta que mais gostaria. É difícil compreender a Liberdade, ou não fosse um dos valores fundamentais da vida, mas essas são contas de outro rosário.

A revolução de abril trouxe-nos a liberdade e trouxe também a Democracia. Um ano depois da revolução dos cravos a 25 de abril de 1975, os portugueses votaram pela primeira vez em liberdade, desde há muitas décadas, mas desengane-se quem acha que a democracia e a liberdade caminham de mãos dadas.

Democracia não é sinónimo de liberdade.

Democracia é um mecanismo relacionado com a gestão do poder.

Votar é a forma de resolver a mecânica do poder.

A liberdade não nasce no voto, mas sim nos freios e contrapesos que o poder democrático deve respeitar e é precisamente aqui que eu quero chegar, aos freios e contrapesos que o poder democrático tem que respeitar. E aqui chegados, é com tristeza que vos digo, tenho vergonha! Tenho vergonha de todos os atropelos que a coberto da democracia se fazem aos direitos dos cidadãos designadamente ao direito da liberdade de expressão e de pensamento, envergonho-me que não seja respeitada a diversidade de opinião, nomeadamente dos adversários políticos que por incrível que pareça e passados que são 45 anos desde a revolução e da suposta reintegração da liberdade, são perseguidos da forma mais baixa.

Envergonho-me que se use o medo para exercer o poder.

Envergonho-me das represálias contra quem ousa criticar o poder e que se fique com a situação profissional e pessoal no limbo, porque não partilha da mesma opinião.

Envergonho-me do caciquismo que ainda impera.

Envergonho-me ao perceber que as pessoas são espiadas nas redes sociais e que as suas opiniões são escrutinadas palavra a palavra, vírgula a vírgula.

Envergonho-me por ainda se encarar a política como uma rampa de lançamento para interesses individuais.

Tenho vergonha das políticas orientadas para os interesses de poucos, de expedientes usados para alcançar este ou aquele benefício.

Envergonho-me do aproveitamento das influências políticas ao nível de todos os poderes.

O 25 de abril foi e aqui estamos todos de acordo, um grande passo, uma grande ideia, mas como em tudo na vida, as melhores ideias vão-se adulterando e toda a arquitetura política e social que se pretendia exemplar, acaba minada pelas ditas influências e por pessoas pouco escrupulosas cuja causa não é infelizmente a causa pública. É lamentável!

É lamentável que sejam tão poucos os que olham para a política e para o seu exercício como uma das mais nobres e honrosas atividades que alguém pode exercer na vida.

Fazer discursos bonitos exaltando a liberdade e a democracia é muito fácil, difícil é pôr em prática o que se fala.

Não contem connosco para discursos redondos e politicamente corretos.

Não contem connosco para os discursos bonitos, nem mesmo neste dia, a nossa missão é outra.

A nossa missão é a defesa intransigente dos direitos dos cidadãos de Esposende, doa a quem doer, assumindo uma postura de exigência, de vigilância, de fiscalização da ação municipal.

Não nos interessam as causas que não digam diretamente respeito aos Esposendenses.

Não nos interessam as lutas político partidárias.

Preocupa-nos a forma como é gasto o dinheiro público.

Preocupam-nos as questões relacionadas com o emprego, com a saúde, a educação no nosso concelho.

Preocupa-nos a qualidade de vida das nossas crianças e idosos.

Interessa-nos apenas e só o bem-estar dos cidadãos deste concelho, é essa a nossa missão.

A nossa missão é servir a causa pública, com respeito pelos cidadãos que nos elegeram, pois só assim poderemos alcançar o respeito que almejamos.

O mesmo respeito que está na base da revolução que hoje comemoramos.

O respeito pela liberdade, o respeito pela democracia.

É desta forma que entendemos que deve ser celebrado este dia.

Tenho dito."-----

De seguida interveio a representante do Grupo Político do PS, a Senhora Deputada Municipal Anabela Solinho, tendo referido:

"45 anos de ditadura trouxeram a Portugal e aos portugueses muitas limitações e constrangimentos.

A revolução do 25 de abril de 74 é uma entre outras portuguesas de reivindicação de valores.

E Democracia é um alto valor conquistado com o 25 de abril de 74 que hoje tão bem se comemora.

Ao nível internacional são as democracias que regulam a igualdade, a liberdade e a fraternidade. E estes pilares fundamentais para a Paz comunitária dizem-se no feminino. Por isso, recordar conquistas da mulher desde 74 será oportuno e desejável.

Nunca é demais recordar as vitórias das mulheres portuguesas depois da Revolução dos cravos até aos nossos dias. Mas importa também, e para compreensão do valor desses ganhos, abrir a memória sobre o papel da mulher na ditadura. Este período marcou-nos, marca-nos, ainda, mas por aquilo que não tivemos e agora se adquiriu.

Aquele foi o tempo da negação da igualdade de género e de direitos.

A passagem da Ditadura para a Democracia fez-se lentamente, mas operaram-se transformações. E não porque já não houvesse conscientização da necessidade dessas transformações, porque, sim, havia, e desde há séculos. Mas a mudança de mentalidade que durante tanto tempo se fez sentir e que deu origem a vários movimentos políticos necessitava de mais intervenção feminina, não fosse uma mulher o símbolo da República Portuguesa e uma Flor o da democracia conquistada em abril de 74.

Hoje, no feminino, contam-se diversas conquistas ancoradas em obras e palavras em verso e prosa. A mulher portuguesa conseguiu tomar o passado como arma para desenvolver o seu lugar na sociedade, defini-lo e demarcá-lo. A mulher usou também a arma da palavra, da competência, da luta, da vontade que tão bem nos caracteriza como gente portuguesa.

Assim, diz-se no feminino Liberdade de voto, Liberdade de representação política, Liberdade de escolha profissional, Liberdade de escolhas...

A intervenção terminou com a leitura do poema de Ary dos Santos "Mulher"

*«A mulher não é só casa
mulher-loiça, mulher-cama
ela é também mulher-asa
mulher-força, mulher-chama*

*E é preciso dizer
dessa antiga condição
a mulher soube trazer
a cabeça e o coração*

*Trouxe a fábrica ao seu lar
e ordenado à cozinha
e impôs a trabalhar
a razão que sempre tinha*

*Trabalho não só de parto
mas também de construção
para um filho crescer farto
para um filho crescer são*

*A posse vai-se acabar
no tempo da liberdade
o que importa é saber estar
juntos em pé de igualdade*

*Desde que as coisas se tornem
naquilo que a gente quer
é igual dizer meu homem
ou dizer minha mulher».
Tenho dito. Muito obrigada.*-----

Seguidamente interveio o representante do Grupo Político do PCP, o Senhor Deputado Municipal Manuel Carvoeiro, tendo referido:

*“Sr. Presidente da Assembleia Municipal
Sr. Presidente da Câmara Municipal
Sr.as Deputadas e Srs. Deputados
Sr.as Vereadoras e Srs. Vereadores
Sr.as e Srs Convidados
Minhas Sras e meus Srs.*

Antes de mais, uma saudação muito especial à atuação das meninas e dos meninos da escola de Mar.

Depois da longa noite e dos duros silêncios que durante 48 anos atormentaram o nosso país e o nosso povo, eis que surge aquela “madrugada que esperávamos, aquele dia inteiro e limpo” (Sophia De Mello Breyner Andersen) – A REVOLUÇÃO DO 25 DE ABRIL. Foi a revolução que o POVO, há 45 anos, fez com os militares de Abril, soldados, sargentos e capitães que ora saúdo com emoção, entusiasmo e imensa alegria.

A revolução de Abril não foi mais uma revolução, mas sim o momento mais belo e luminoso da história coletiva de Portugal. Uma revolução que derrubou a ditadura fascista a que o povo português esteve submetido durante 48 longos anos, marcados pela repressão, a exploração, o obscurantismo, a miséria e a opressão.

Salazar, enquanto timoneiro e organizador da ditadura fascista, adotou como modelo as ditaduras de Mussolini e Hitler e procedeu à fascização do Estado. Foram criadas a polícia política (PVDE, PIDE ou DGS), as milícias fascistas (Legião e Mocidade portuguesas) e o Campo de Concentração do Tarrafal. As prisões políticas entretanto criadas enchiam-se de opositores e qualquer expressão de contestação era fortemente reprimida. Milhares de antifascistas, e principalmente comunistas, são presos (muitos e muitos durante longos anos, alguns mais de 20 anos nos cárceres do fascismo). torturados, exilados. Muitos foram mesmo assassinados.

Foi uma ditadura fascista assente num aparelho repressivo, inspirada nas práticas cruéis do fascismo italiano e do nazismo hitleriano que serviu a concentração e centralização da riqueza do nosso país num escasso número de grandes grupos económicos: Foi a ditadura fascista ao serviço de uns poucos que granjearam colossais fortunas, enquanto a imensa maioria dos portugueses vivia á minguia de tudo, privada de rendimentos dignos, de habitação decente, dos mais variados serviços de saúde ou educação. Neste quadro da pobreza extrema, a solução para milhares de portugueses, a sua maioria jovens, foi a emigração. Jovens que, a salto, e sob o olhar perseguidor da PIDE, arriscaram as suas vidas na demanda de dias claros. Nas colónias, foi instituído o trabalho forçado obrigatório e nos campos do sul do País os

agrários, com total impunidade, exploravam sem dó homens e mulheres que apenas tinham a noite e o dia e a sua força de trabalho submetida às regras de quase – escravatura. À ânsia de liberdade dos povos das colónias, a ditadura respondeu com tirânica violência, com a guerra colonial – que dilatada por 13 anos ceifou milhares de vidas portuguesas e africanas.

Ditadura fascista, brutal e sanguinária, período negro da nossa história recente, que teve pela frente a tenacidade, resistência e luta sem tréguas de amplas camadas do povo português e democratas de várias tendências. É justo, no entanto, destacar o papel, a ação e contributo dos comunistas e do seu Partido, que de forma, ímpar, permanente e combativa organizaram a resistência ao fascismo: foram comunistas a larguíssima maioria dos presos, dos clandestinos, dos mártires; foi o Partido Comunista Português o único com uma organização de âmbito nacional e com raízes profundas nas massas; foi o PCP o impulsionador das grandes jornadas de luta antifascista e dos movimentos da oposição democrática. Portanto, o processo revolucionário iniciado a 25 de Abril não foi fruto do acaso, antes representou o culminar de décadas de resistência e luta.

O 25 de Abril, para além do antes é também o depois, é também um verdadeiro projeto de futuro, responsável pelas mais importantes transformações sociais e laborais que ocorreram na sociedade portuguesa, entre as quais se incluem o estabelecimento de direitos fundamentais, o direito à greve, a livre organização sindical, o estabelecimento de nacionalizações, a reforma agrária, claro, um dos pontos mais centrais o fim da guerra colonial e, culminando, com a consagração de todas essas conquistas na Constituição da República Portuguesa de 1976.

Estas são conquistas de Abril que, desde a primeira, e há muito tempo, têm sido objeto de um verdadeiro ataque levado a cabo pelos sucessivos governos do PS, PSD e CDS que, ao prosseguirem políticas de direita, têm destruído tais conquistas. Trata-se de um processo contrarrevolucionário que tem originado regressões, onde emergem dias cinzentos, feitos com nevoeiros de lágrimas tristes. E tudo isto fruto das sucessivas políticas contrárias aos valores de Abril.

Por isso, importa continuar, continuar a defender o projeto emancipador da Revolução de Abril que hoje comemoramos. Importa continuar a defender os Valores de Abril para que os mesmos marquem o presente e se projetem no Futuro de Portugal, importa, pois, com coragem e dignidade, continuar a percorrer uma longa estrada que temos para andar na luta por uma democracia avançada, assente nos seguintes pilares fundamentais:

- 1.º – um regime de liberdade no qual o povo decida do seu destino e um Estado democrático, representativo e participado*
- 2.º – um desenvolvimento económico assente numa economia mista, dinâmica, liberta do domínio dos monopólios, ao serviço do povo e do País*
- 3.º – uma política social que garanta a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e do povo*
- 4.º – uma política cultural que assegure o acesso generalizado à livre criação e fruição culturais*
- 5.º – uma pátria independente e soberana com uma política de paz, amizade e cooperação com todos os povos*

VIVA O 25 DE ABRIL!

Disse.”-----

De seguida interveio a representante do Grupo Político do CDS-PP, a Senhora Deputada

Municipal Tânia Mota, tendo referido:

“Muito bom dia a todos, antes de mais, não posso iniciar sem saudar os meninos e as meninas que nos presentearam aqui com a encenação a propósito do 25 de abril, isso porque estou convencida que não haverá melhor forma de captar conhecimento e de também, o transmitir.

*Cumprimento e saúdo o Senhor Presidente da Assembleia Municipal
O Senhor Presidente da Câmara Municipal de Esposende
Os demais membros da Mesa
As Senhoras e Senhores Vereadores
As Senhoras e Senhores Deputados Municipais
Cumprimento também os Senhores Convidados
E um cumprimento especial a todos os demais presentes*

Evocamos hoje os 45 anos do 25 de Abril, o que equivale por dizer que evocamos e celebramos por um lado a queda do Estado Novo e, por outro, o caminho para as primeiras eleições livres.

Evocar Abril, é portanto evocar liberdade, é como tive já oportunidade de dizer, evocar Portugal como país diferente, democrático, livre, pluralista, que promove a igualdade de oportunidades, um país moderno e parte integrante do projecto europeu.

Abril abriu também portas à legalidade dos partidos políticos, essenciais em democracia, e sem os quais, não teríamos, aliás, o pluralismo próprio dos regimes democráticos. É pois essencial evocar e prestar homenagem a todos quantos quer a 24 de Abril quer daí em diante cerraram fileiras em defesa do pluralismo político, até porque bem sabemos que não foram tempos fáceis, antes de sacrifício e perseguição.

Senhor Presidente, penso que todos reconheceremos a importância dos valores de Abril, no entanto, não cumprirá também neste momento de comemoração reflectir sobre o que falta cumprir ou sobre um certo retrocesso a que vamos assistindo, nomeadamente no que diz respeito à evocação da liberdade?

Seremos, de facto, cidadãos verdadeiramente livres? Ou seremos todos os dias condicionados por fenómenos, em especial à escala global, aptos a gerar o caos e a incutir medo, caos e medo esses que a todos poderão aprisionar-nos e amordaçar-nos?

E o que dizer daqueles fenómenos que todos reconhecemos e murmuramos e estão associados, mais à escala local, ao receio da participação política ou até cívica, na medida em que, a manifestação do pensamento, a eventual ligação a um determinado movimento ou ao partido político a) ou b) pode, vir a ser gerador de consequências na esfera pessoal ou profissional de cada um? Terá a perseguição, embora em moldes distintos e quiçá mais requintados, efectivamente terminado?

Senhor Presidente, feita esta reflexão inicial para a qual o convoco, não nos parece possível evocar Abril sem lembrar e prestar homenagem à “contra-revolução” de Novembro, que recentrou e recolocou no lugar próprio aqueles princípios e travou de forma eficaz uma nova ditadura. Assim é, porque Abril não representa apenas cravos, conquanto não podemos também ignorar ou esquecer as motivações menores da revolução.

Focar-me-ei agora, no caminho da concretização e promoção da igualdade de oportunidades, por, de certo modo, poder resumir os bons princípios que penso que Abril representa.

A igualdade de oportunidades cumpriu-se no pleno exercício dos direitos civis, no acesso à

educação, nomeadamente à educação superior, no acesso aos cuidados de saúde, na reposição do papel da mulher na sociedade, na protecção aos mais indefesos, designadamente às crianças e aos idosos.

A igualdade de oportunidades cumpriu-se também na possibilidade de todos podermos pensar e expressar sem mordaças o nosso pensamento, por mais que dele possa discordar-se. Recordemos que nem sempre assim foi e que devemos continuar a teimar para que todos possam expressar-se de forma livre, ainda que esse pensamento nos possa parecer absurdo.

Senhor Presidente, sejamos democratas de direito e de facto, saibamos ouvir a crítica, ponderá-la, melhorar e crescer também com ela.

Aqui chegados, uma inquietação... estará tudo cumprido? Parece-nos que não! Muito há ainda a fazer e que a evocação que hoje aqui fazemos possa permitir fazer caminho na direcção certa, sem teimar em erros do passado e do presente.

Passados todos estes anos, a todas as gerações, mas especialmente às mais novas, são pedidos sacrifícios vários e pagamentos ou acertos de contas para as quais não contribuíram e de que não beneficiaram.

Sem pretender traçar um quadro negativista, terão as novas gerações acesso, a título de exemplo, a um dos direitos que hoje damos por adquirido, e que, no fundo, representa a protecção na velhice? Terão as novas gerações as mesmas oportunidades a que as anteriores tiveram acesso?

É pois essencial pensar no futuro da democracia e nas novas gerações, é pois essencial dar sinais fortes que permitam o reforço das oportunidades de participação política. Temos porventura de pensar que o futuro da democracia passa pela necessidade de renovação de todos quantos participam, sendo que, esses todos quantos participam, nos parecem poucos e, lamentavelmente, sempre os mesmos.

Não deveremos hoje dar um sinal claro de que às novas gerações cumpre e cumprirá um papel essencial no e para o desenvolvimento do país? Não deveremos dar um sinal claro de que, a par com as gerações mais experientes, se pretende a sua efectiva participação e de que serão chamadas a participar das soluções e não apenas dos sacrifícios?

Questiono-me tantas vezes acerca de como poderemos fazê-lo, como poderemos cativar, renovar e reforçar as oportunidades de participação cívica e política?

Não deveríamos ponderar na criação de mecanismos que permitissem uma maior interação com os cidadãos? Não poderíamos hoje, aproveitando também [embora não só] o acesso quase universal às novas tecnologias, simplificar a forma como os cidadãos podem colocar questões ou apresentar sugestões ao poder local ou central?

Não deveríamos hoje, ponderar seriamente na democratização do acesso e participação nas reuniões de câmara e nas sessões da assembleia municipal? Não deveríamos pois, pensar descentralizar o local onde essas reuniões e essas sessões se realizam?

Não é já tempo, também em franco sinal de esperança de democratização do acesso e participação, ainda que indirecta, nas sessões da assembleia municipal, permitir que estas fossem gravadas em directo ou diferido?

A possibilidade de todos os cidadãos poderem ver, ouvir, avaliar, escrutinar os trabalhos e as intervenções nas assembleias não é afinal mais um sinal de esperança da preservação da democracia, que se quer transparente?

Num tempo e num ano em que todos assistimos ao flagelo da violência doméstica, seja ela contra mulheres, homens, crianças ou idosos, urge continuar o caminho da igualdade de direitos e oportunidades entre mulheres e homens, urge trilhar o caminho do respeito pela

diferença, o caminho da dignidade dos mais idosos e dos mais jovens.

Num tempo em que fácil é tomarmos por adquiridos os princípios de Abril, cumpre pois lançar mãos à obra porque os perigos do retrocesso não só estão à espreita, como vão já criando mordaças e prejuízos irreparáveis para a sociedade que hoje conhecemos.

A todos os que, à semelhança do que comigo sucedeu, tiveram o privilégio de a democracia nos ter sido oferecida e que dela, sem esforço pudemos e podemos beneficiar, fica o desafio para estarmos atentos e vigilantes, porque do mesmo passo que Portugal pulou e avançou no sentido do progresso, também poderá o caminho afastar-se do trilho certo.

Senhor Presidente, creio que, não fora Abril, poderíamos não estar aqui hoje a expressar o nosso pensamento sobre o quanto evoluímos desde então enquanto sociedade e enquanto cidadãos e, ainda sobre os erros cometidos, sobre aqueles que foram corrigidos e, finalmente, sobre aqueles que teimam em permanecer.

É verdade que, não fora Abril e permaneceríamos ainda num país virado para o passado e sem o progresso que hoje conhecemos.

É pois, com estas reflexões que termino e que evoco Abril, que me parece ser sempre um trabalho inacabado e em constante evolução.

Possa ser e seja sempre o saldo dessa evolução positivo, porque a esperança é o “sal” que afinal nos alimenta e motiva a fazer mais e melhor, sempre por Portugal!

Correndo o risco de parecer um lugar-comum, termino com Sophia de Mello Breyner Andresen, poetisa maior, que eternizou Abril nas seguintes palavras:

“Esta é a madrugada que eu esperava

O dia inicial inteiro e limpo

Onde emergimos da noite e do silêncio

E livres habitamos a substância do tempo”.

Muito obrigada.”-----

De seguida usou da palavra o Senhor Presidente da Assembleia Municipal, tendo referido:

“Senhor Presidente da Câmara Municipal de Esposende

Senhoras Deputadas Municipais

Senhores Deputados Municipais

Senhores Presidentes de Junta de Freguesia

Senhoras e senhores Vereadores

Senhoras e senhores Representantes das Instituições aqui presentes

Senhoras e senhores Convidados

Minhas Senhoras e meus Senhores

A Assembleia Municipal de Esposende e a Câmara Municipal através dos representantes diretamente eleitos pelos eleitores do Concelho de Esposende entenderam comemorar os 45 anos do 25 de abril de 1974.

O que nos moveu foi a celebração do importante momento que este dia tem para a nossa geração e, principalmente, para as gerações vindouras. Quisemos relembrar a importância dessa revolução e da conquista da liberdade, em todas as suas dimensões, para os cidadãos e para o progresso da sociedade. Conquistas que permitiram que o poder local desenvolvesse as terras em que vivemos e aumentasse a qualidade de vida das populações.

Relembrar e celebrar os ideais do 25 de abril tem de ser motivo de os adaptar à atual

sociedade e aos novos desafios que surgem. Claro que os verbos propostos como lema da revolução - democratizar e desenvolver - têm de estar sempre presentes, mas devem ser adequados aos tempos modernos.

Democracia que é hoje um valor assumido por todos, mas que custou muito a conquistar e que necessita de ser lembrada pois apesar de podermos criticar ainda é o melhor regime político. Democracia que permite a liberdade de expressão, a liberdade de escolher; a liberdade de votar; a proteção das minorias; no fundo a preservação dos direitos fundamentais e da dignidade da pessoa.

Desenvolvimento que foi atingido, e muito, pelo trabalho do poder e da autonomia local, mas que deve muito à integração de Portugal na União Europeia, pelo que é importante que se lembre a importância da participação nas próximas eleições europeias que realizam em 26 de maio. Se devemos muito à integração de Portugal na União Europeia, devemos, ou antes temos de participar e realizar a democracia e escolher os nossos representantes, aqueles que nos representam na União Europeia. E temos de lutar, e muito, contra os fáceis populismos, contra os extremismos que vão surgindo contra a União Europeia. É certo que ainda falta fazer muito para uma verdadeira integração europeia, em que exista uma real coesão territorial, uma efetiva coesão social. Mas também no país têm de ser diminuídas as assimetrias entre o litoral e o interior, entre o centralismo e o resto do país, tem de constantemente ser combatido o fosso entre os mais abastados e os mais desfavorecidos da sociedade.

Mas o ideal do desenvolvimento foi e muito atingido no Concelho de Esposende.

É certo que o Município de Esposende tem uma situação económica e financeira que permite agarrar as oportunidades de financiamento de programas regionais e nacionais das verbas provenientes da União Europeia. Situação que permite ter uma fiscalidade amiga dos cidadãos com as mais baixas taxas legais nos impostos locais; com o não aumento há vários anos de várias tarifas e preços; que tem políticas de apoio e incentivo às empresas dos diversos setores relevantes do concelho; que tem políticas sociais amigas das pessoas. Situação económica e financeira que permite ter orçamentos municipais na ordem dos 30 milhões de euros e que possibilitam uma capacidade de endividamento que muitos municípios não conseguem fazer porque já estão muito endividados.

Mas será que os ideais de abril estão a ser atingidos em Esposende? Será que existe democracia?

Sim, existe. Os cidadãos livremente escolheram os seus representantes autárquicos, escolheram entre os vários programas eleitorais apresentados. Os órgãos autárquicos: Câmara Municipal e Assembleia Municipal funcionam, e no meu entendimento funcionam bem, estando devidamente assegurados os direitos das oposições. O Presidente da Câmara numa verdadeira demonstração de total transparência fornece informação e responde com total frontalidade.

Aos grupos políticos representados na Assembleia Municipal o ideal da democracia de abril exige que, em primeiro lugar, sejam colocados os interesses locais, acima das ideologias e interesses políticos, pois os cidadãos eleitores escolheram os seus representantes para defenderem, sempre e em primeiro lugar, os interesses do município e dos munícipes que aqui vivem e trabalham. O ideal da democracia exige que sejam afastados os tacticismos político-partidários e que em questões importantes os representantes eleitos pelos cidadãos estejam todos do mesmo lado. E é certo que em alguns casos as várias forças políticas representadas na AM juntam esforços para apresentarem posições concertadas.

Mas a democracia exige que, também, em questões dos direitos humanos os políticos condenem, sempre, os atropelos e as violações dos direitos humanos, existam elas onde existirem. A condenação de uma ditadura deve ser sempre uma condenação, seja essa ditadura de esquerda, de direita.

O ideal da democracia e da liberdade do 25 de abril exige a todos que tenhamos a liberdade sempre em primeiro lugar: a liberdade para criticar; a liberdade para discordar sem medo de represálias; a liberdade para afrontar; a liberdade para reagir; a liberdade para pensar; a liberdade para aprender; a liberdade com responsabilidade.

E o ideal do desenvolvimento? Que desenvolvimento queremos nós para o nosso futuro? Que futuro é que os nossos filhos podem esperar?

Será justo que se discuta, hoje, de que os nossos filhos dificilmente terão um futuro igual ao que nós esperamos e tivemos? Será razoável que os nossos filhos possam não ter acesso ao mesmo desenvolvimento que nós tivemos? Não deverá ser assegurado, sempre, o princípio da democracia económica e social que aponta para a proibição do retrocesso social, também designada como “proibição de contra-revolução social ou da evolução reacionária”, em que os direitos sociais e económicos, uma vez obtido um determinado grau de realização, passam a constituir, simultaneamente uma garantia institucional e um direito subjetivo, pelo que a violação deste núcleo essencial efetivado justificará a sanção da inconstitucionalidade relativamente a normas que, manifestamente, aniquilem a chamada “justiça social”.

O 25 de abril dos dias de hoje não precisa do discurso recorrente de que os ideais de abril continuam por cumprir; não precisa do discurso de que as opções ideológicas estão sempre no horizonte dos ideais de abril.

Não. O 25 de abril dos dias de hoje precisa de novos ideais e de novas esperanças. Ideais assentes no desenvolvimento da educação; da igualdade de oportunidades para todos; de uma solidariedade intergeracional consciente e equilibrada; da proteção do ambiente e do desenvolvimento sustentável; de uma justa repartição dos encargos e dos benefícios; do direito a cuidados de saúde iguais para todos; entre muitos outros direitos da proteção da dignidade da pessoa.

Mas o desenvolvimento do ideal do 25 de abril dos dias de hoje exige, também, novos políticos; de jovens que gostem e se apaixonem pela política, pela arte de servir o interesse público; de projetos políticos consistentes e não momentâneos; de projetos políticos duradouros que possam ser seguidos mesmo que por forças políticas diferentes.

O 25 de abril dos dias de hoje e dos próximos anos terá de ter por ideais a liberdade de afastar os extremismos, de impedir os populismos; terá de ter novas liberdades e de garantir novos direitos.

E Esposende? Que desafios terá o concelho de Esposende nestes novos ideais do 25 de abril do futuro?

Senhor Presidente da Câmara, senhoras e senhores deputados,

O município de Esposende tem muitos projetos. Velhos anseios e novos desafios que estamos certos que o senhor Presidente e a sua equipa vão conseguir atingir.

Cumprir os novos ideais do 25 de abril será continuar a ter uma boa situação económico-financeira pois só isso permitirá ter políticas amigas dos cidadãos e ter projetos consistentes para o futuro, e, no fundo, permitirá assegurar a liberdade para implementar políticas sufragadas pelos eleitores.

A Constituição da República Portuguesa e respetivas revisões, uma das grandes conquistas do 25 de abril, dispõe no capítulo dos direitos, liberdades e garantias pessoais que “É garantida

a liberdade de aprender e ensinar” e depois no capítulo dos direitos e deveres culturais que “Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar”.

Apesar dos progressos extraordinários – quantitativos e qualitativos – na educação, os ideais de abril trazem novas exigências devido às necessidades educativas que continuam a aumentar, principalmente devido ao desenvolvimento tecnológico acelerado pela informática, pela robótica e pela inteligência artificial. Por isso, senhor Presidente da Câmara, fez uma opção estratégica acertada quando decidiu trazer o ensino superior para o concelho de Esposende; quando aposta na educação e cria condições para um desenvolvimento económico sustentável apoiando e implementando políticas direccionadas para a criação de emprego, de melhoria contínua das infraestruturas nas áreas do ambiente e da requalificação de espaço, de melhoria das infraestruturas da educação e da cultura, de uma especial atenção para os mais velhos, e, acima de tudo, pensando sempre nas pessoas.

Minhas senhoras e meus senhores,

As aceleradas alterações climáticas exigem mudanças radicais de comportamentos se queremos deixar um mundo melhor para os nossos filhos.

O desenvolvimento tecnológico do mundo levará a novos desafios e a mudanças aceleradas na economia que exigem antecipação na implementação de políticas assentes na inovação e no apoio à investigação.

O surgimento de problemas no desenvolvimento de alguns estados, do aumento do terrorismo e de tensões políticas, exigirá uma Europa mais forte, pelo que todos precisamos de colaborar para a reconstrução de um novo projeto europeu mais forte.

A Constituição da República Portuguesa refere que visa a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, e que visa a democracia, económica, social e cultural a que se costuma chamar de Estado social, e que se traduz essencialmente na responsabilidade pública pela promoção do desenvolvimento económico, social e cultural, na satisfação dos níveis básicos de prestações sociais para todos e na correção das desigualdades sociais.

Com o 25 de abril o poder local tornou-se um meio para se cumprir a Constituição e, principalmente, contribuir para a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, em que todos tenham igualdade de oportunidades.

Termino com uma citação do filósofo Jonh Rawls (1993, p. 77) “as expectativas dos sujeitos que têm as mesmas capacidades e aspirações não devem ser afetadas pela classe social a que pertencem”.

Por isso, os próximos anos exigem que os políticos tenham uma especial atenção aos novos desafios para termos uma sociedade mais desenvolvida, mais justa e mais solidária na procura incessante da felicidade de e para todos.

VIVA ESPOSENDE

VIVA A LIBERDADE.”-----

Por último interveio o Senhor Presidente da Câmara, tendo referido:

“Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal;

Exmos. Srs. Deputados Municipais;

Exmos. Srs. Presidentes de Assembleia de Freguesia;

Exmos. Srs. Presidentes de Junta de Freguesia;

Exmos. Srs. Vereadores e Vereadoras;

*Representantes das Entidades Militares e Religiosas;
Representantes das Associações, Escolas e demais instituições aqui presentes;
Minhas Senhoras e meus Senhores;
Comunicação Social;*

Dr. Ribeiro e Castro agradecer a sua presença aqui hoje, assim como o seu contributo na tertúlia de ontem à noite, penso que foi muito enriquecedora para todos e agradeço-lhe do fundo do coração a sua presença aqui também, que dignifica esta nossa Assembleia Extraordinária. Obviamente que não posso deixar de fazer aqui uma referência muito especial ao que se passou aqui ontem à noite e tivemos antes da própria sessão e da tertúlia um momento extraordinário, levado a cabo pelas nossas crianças vamos dizer assim, do coro dos pequenos cantores de Esposende e com todo o apoio técnico que foi necessário, uma sessão extraordinária que encheu o coração de todos os presentes, pela qualidade e essencialmente pelo conteúdo também que foi transmitido.

Hoje também aqui no início, com toda a inocência que as crianças nos transmitem, passando-nos uma mensagem importantíssima, mas foi também um momento muito bonito, parabéns a todos aqueles que trabalham neste município em função de uma coisa que foi aqui referida pelo Sr. Presidente da Assembleia com alguma ênfase, faz parte da sua vida profissional, da educação das nossas crianças, que é aí que reside verdadeiramente o futuro da nossa sociedade e disso não temos qualquer dúvida.

Começo esta minha intervenção com um agradecimento muito especial a todos por se associarem a este momento de comemoração e celebração dos 45 anos passados sobre o 25 de Abril de 1974, dando especial relevo aos meninos e meninas da Escola Básica de Mar e seus professores pelo momento fantástico que nos trouxeram a esta sessão solene da Assembleia Municipal de Esposende.

Seria normal e aceitável neste momento, fazer uma incursão pelo passado, por aquele passado de privação de liberdade e de estagnação do nosso país, que precedeu e deu origem ao 25 de Abril de 1974.

Seria trabalhoso e tarefa difícil, senão impossível para quem há data tinha apenas 4 anos, enquadrar com a substância e o rigor que se exige, as realidades da sociedade de então assim como as enormes dificuldades vividas pelos portugueses num período tão mau e obscuro da nossa história.

Mais difícil ainda, quando implicaria também um enquadramento na realidade geopolítica da altura, nomeadamente da realidade dos outros países, das consequências de uma guerra terrível que deixou atrás de si cerca de 80 milhões de mortos entre civis e militares... e da nova ordem mundial que lhe sucedeu, com evidentes consequências políticas, económicas e sociais também no nosso país.

O passado é importante, deve ser conhecido, estudado, para dele se retirarem as inerentes lições, para se valorizar o que for de valorizar e para repudiar e não repetir o que não mereça ser valorizado e repetido...

Henry Ford dizia: "O passado serve para evidenciar as nossas falhas e dar-nos indicações para o progresso no futuro."

Não duvido que celebrar o 25 de Abril é continuar a despertar consciências para as consequências de se viver sobre um regime totalitarista e sob o jugo da privação da liberdade... de um certo tipo de liberdade e não talvez do conceito de liberdade que se veio a estabelecer ou que alguns teimam em praticar neste país.

Celebrar o 25 de Abril é acima de tudo, à data de hoje, também uma forma de comemorar todas as conquistas e desenvolvimento que se operaram em Portugal, é ter a capacidade para entender o quanto a nossa vida é hoje melhor, mais digna e mais fácil quando comparada com a dos nossos pais e de todos aqueles que viveram no tempo da ditadura.

Salvaguardando as devidas exceções, gosto do passado, do nosso passado, da nossa história, temos uma história rica, plena de concretizações e sucessos, orgulhamo-nos de sermos portugueses...

Contudo, tal como dizia Picasso: "O que já fiz não me interessa, só penso no que ainda não fiz."

Uma coisa é conhecer o passado, e permanecer lá, revolver e tratar a história a nosso bel-prazer, justificando ou tentando encontrar justificações mesmo para as coisas menos boas, outra bem diferente é viver o presente, construindo um futuro melhor para todos, todos os dias, correndo riscos, mas acreditando nas nossas convicções e acima de tudo respeitando o povo que nos elegeu e que em nós confiou os seus destinos e os destinos da nossa terra.

É uma tarefa difícil, mas nobre. Um desafio que impõe sempre superação e que não admite falhas ou hesitações, um exercício que exige coragem e determinação porque implica sempre a sobreposição do interesse público sobre o particular!

Falo do poder local, do poder local democrático, uma das maiores conquistas do 25 de Abril, aquele que terá sido o instrumento maior da efetiva melhoria das condições de vida dos portugueses.

É isso que nos legitima a estar aqui hoje, apesar de todas as dificuldades e problemas que temos que enfrentar, mas cheios de ideias e de vontade de desenvolver as nossas freguesias e o nosso município...

Poderia dissertar sobre o Esposende de há 45 anos e o de hoje, o quanto crescemos em dimensão física, mas acima de tudo enquanto povo, enquanto comunidade...

Poderia falar-vos da excelente situação atual do município, das boas contas, dos inúmeros projetos e obras em curso... Mas isso já vós conheceis! Porque assistis diariamente ao avanço e desenvolvimento desta terra, às centenas de iniciativas que levamos a cabo, ao reconhecimento externo e admiração que nos são dedicados por aqueles que nos conhecem e pelos que nos visitam...

Poderia ainda falar do que aí vem, das obras estruturantes, dos investimentos do Plano de Ação de Regeneração Urbana, ou do Plano de Investimento nas Freguesias.

Mas não será hoje!

Apesar de tudo o que conseguimos alcançar neste país, hoje vou falar-vos de dificuldades, vou dar-vos alguns exemplos de adulteração dos princípios de Abril, de mau uso da liberdade democrática, de abuso de poder, ou seja do quanto ainda temos para corrigir e cumprir daquilo que se assumiu serem os princípios éticos que deveriam presidir ao pós 25 de Abril:

- Quando um qualquer governo legisla no sentido de agregar freguesias sem que a opinião das respetivas populações seja tomada em conta, ou pior do que isso sejam ouvidos e desconsiderados, não estão com toda a certeza a fazê-lo dentro do espírito que presidiu à determinação da autonomia do poder local;

- Quando um candidato a umas eleições se torna primeiro-ministro sem ter ganho as eleições, fazendo uso de um instrumento que, sendo legal, não foi considerado como opção pelo eleitorado, e que a ter sido, poderia ter alterado significativamente as intenções de voto, não estamos, no mínimo a cumprir o espírito de liberdade e de correspondente transparência na eleição de um órgão democrático que herdamos dessa revolução;

- Quando se atacam e diabolizam diariamente os políticos na praça pública, e se destroem vidas e carreiras, sem se conhecer, ou pelo menos tentar conhecer, as dificuldades, as entropias, as leis e as enormes responsabilidades que os mesmos assumem diariamente, também não estamos a cumprir Abril;

- Quando, pelo contrário, não se julgam e punem devidamente outros que cometem crimes, e se permite que os mesmos gozem de forma descarada com a justiça, usando informação e subterfúgios só ao alcance de alguns, ao mesmo tempo que se condenam cidadãos por crimes menores, também não estamos a cumprir Abril;

- Quando a justiça, ou o seu deficiente funcionamento, é usada por cidadãos ou por políticos para fazer oposição, grande parte das vezes a coberto de anonimato, agindo de forma cobarde, para criar entropias e desacreditar os atores políticos democraticamente eleitos, também não estamos a cumprir Abril;

Quando uma comissão nacional de eleições impede os políticos, leia-se autarcas, em exercício de funções de divulgarem informação ou participarem em atos públicos sonhando o direito a informar os eleitores do trabalho desenvolvido, ao mesmo tempo que permite à oposição a atuação sob a forma de crítica direta, ademais em eleições que nada têm a ver com as autárquicas, estamos com toda a certeza a esquecer algo sobre Abril de 74!

Quando mil trabalhadores, por mais respeito que me mereçam, colocam um governo e um país de joelhos, causando enormes prejuízos e afetando a vida de milhões de portugueses, sinto que também ultrapassamos os limites da tolerância e do poder de reivindicação que presidiram à elaboração da constituição de 1976...

Talvez, e apenas talvez, o 25 de Abril tenha sido mais uma libertação do jugo da ditadura do que um projeto para o futuro do país...

Talvez, e apenas talvez, se tenha esgotado o perfume de Abril e estejamos num estado de maturidade democrática, que permita evoluir e pensar num novo futuro, num futuro pensado pelas e para as novas gerações.

Não que desacreditemos no processo político vigente, mas dá a sensação que estamos sempre à espera do político endeusado, o homem divino e impoluto, puro e sem mácula. E vamos acreditando, e votando, eleição após eleição, colecionando posteriormente desilusões, pelo simples facto que esse homem ou essa mulher não existem...

Talvez, e apenas talvez, haja uma nova revolução a fazer...

Não se espere que sejam os políticos a determinar o caminho de uma sociedade livre. Serão as pessoas, os cidadãos e as cidadãs que o farão...

Aos políticos, adivinho, ser-lhes-ão exigidos resultados da gestão da coisa pública, e será em função desses resultados e da monitorização das ações políticas que lhes será dada ou não a possibilidade de servirem as populações.

Talvez, e só talvez, a retórica política, o populismo e a imagem venham a ser substituídos por atributos de competência, seriedade e transparência;

É urgente uma política de experimentação social, onde a monitorização dos resultados das medidas adotadas seja utilizada para definir e corrigir o rumo da sociedade e das políticas implementadas...

Leis e decisões alicerçadas em bons diagnósticos e muito bom senso e não em ideologias políticas, ou sentimentalismos!!!

Querem um exemplo do que de mau se vai fazendo?

Lei de proibição do abate de animais... assunto que a todos sensibiliza nos dias de hoje!

Dito em Esposende pela responsável da DGAV: uma lei feita com deficiente diagnóstico e sem qualquer envolvimento desta entidade (DGAV), que começa logo pelo erro na sua denominação, pois devia ser occisão e não abate, termo usado apenas para animais de consumo...

Ou seja, uma lei criada apenas na base de um sentimento... ou na apropriação do mesmo, uma vez que é afinal de toda uma sociedade...

Alguns factos:

Impedir a occisão no prazo definido levou a uma sobrelotação e rotura completa das instalações existentes;

Não há apoios do estado para construção de edifícios à escala do que é necessário;

As despesas com a manutenção dos animais vivos é incomportável para as instituições, nomeadamente para as autarquias;

É hoje encarado como um risco sério o reaparecimento de doenças dadas como erradicadas, tal como a raiva, com consequências terríveis para os seres humanos;

Há inevitavelmente mais animais abandonados... é o resultado da lei que foi apresentada.

O que deveria ter sido feito, na minha ótica.

Identificação e registo da população animal, com maior envolvimento das autarquias;

Um verdadeiro plano de esterilização com vista a reduzir a população animal a médio prazo;

Um plano nacional, alicerçado em fundos comunitários para construção de instalações adequadas para todo o país;

A responsabilização e punição dos donos em situações de abandono ou maus tratos;

A criação de um mecanismo financeiro que permitisse aos municípios manter os animais vivos com todas as condições;

Um plano nacional para consciencialização das populações contra os maus tratos aos animais;

E no mínimo uma calendarização adequada à introdução destas medidas acompanhada de uma verdadeira monitorização efetuada por entidades idóneas...

Conclusão, se tudo tivesse sido feito dentro destes parâmetros, em pouco tempo teríamos uma verdadeira integração dos animais na nossa sociedade e o fim da occisão, assim, e infelizmente, vamos continuar a assistir ao abandono, sofrimento desnecessário e abate clandestino dos animais por muito mais tempo...

Dizia eu então, leis e decisões alicerçadas em bons diagnósticos e muito bom senso e não em ideologias políticas, ou sentimentalismos!!!

Deixemo-nos de dogmas, ademais todos sabemos que em quase todas as ideologias políticas há algo de aproveitável, então, não nos foquemos na dicotomia do: nós somos bons e eles são maus!!!

Não duvido que é possível construir um futuro de maior tolerância, respeito e convivência entre todos, alicerçado numa sociedade onde os direitos andem a par com os deveres dos cidadãos;

Em síntese, e para terminar, o 25 de Abril de 1974 foi um marco na história do nosso país, contudo, muito daquilo que foi preconizado não foi concretizado, talvez por ter sido definido num momento de euforia coletiva, numa conquista de algo tão determinante como era a liberdade, ou apenas porque não soubemos interpretar a vontade dos autores, ou pior do que isso, porque adulteramos essa mesma vontade.

Seja como for, passados 45 anos, sendo tempo de celebrar o que de bom se fez, é também tempo de redefinir Abril, de projetar uma sociedade moderna, que coloque os cidadãos sempre

no centro da atividade política, não apenas como destinatários das políticas implementadas, mas essencialmente como autores e definidores do seu próprio futuro!

Termino saudando mais uma vez todos os presentes, agradecendo a todos quantos planearam e trabalharam para este excelente programa de comemoração dos 45 anos do “25 de Abril de 1974.

Deixo um convite para que, quem puder, nos acompanhe à Praça do Município, onde, pelas 12h, será aberta a Exposição: “25 de Abril, o virar da página”.

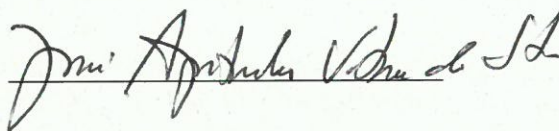
Obrigado pela atenção! Bem hajam!

Viva Esposende!

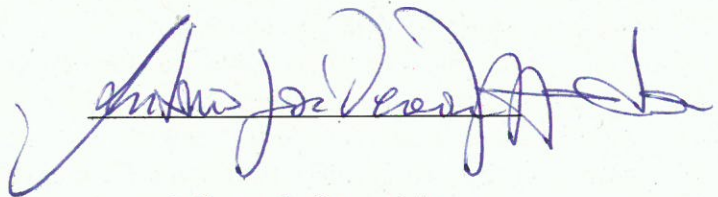
Viva Portugal!”-----

---Sendo 11 horas e 55 minutos, pelo Presidente da Mesa foi declarada encerrada a presente sessão.-----

O Presidente da Assembleia,



O Primeiro Secretário,



A Segunda Secretária,

